

CONVENTOS DE FÁBRICAS RECLUSÃO, RELIGIOSIDADE E EDUCAÇÃO NO COTIDIANO DE OPERÁRIAS TÊXTEIS – MINAS GERAIS, FINAL DO SÉCULO XIX

Júnia de Souza Lima¹

RESUMO: este artigo discute a materialização do imaginário religioso católico no cotidiano de algumas fábricas têxteis mineiras no final do século XIX, cujos conventos podem ser considerados a sua maior simbologia, tomando para análise a Companhia de Fiação e Tecidos Cedro e Cachoeira. Neste sentido, chama atenção para os aspectos educativos e formativos que essas instituições exerciam sobre as mulheres no cotidiano do trabalho fabril. Por fim, ressalta as relações entre patrões e operárias e o papel educativo que as fábricas, ao lado de outras instituições como a Igreja e a Família, exerceram sobre as mulheres, contribuindo para a formação de uma identidade feminina, atrelada à devoção, à abnegação, à dedicação, à maternidade e à família.

PALAVRAS CHAVE: Conventos de fábricas. Educação. Religiosidade.

ABSTRACT: This paper discusses the materialization of the catholic religious imaginary in the daily life of some textile mining plants in the late nineteenth century, whose convents can be considered its greater symbology, and for this purpose the Company of Textiles and Spinning Cedro e Cachoeira will be analyzed. In this sense, calls attention to the educational and training aspects that these institutions exercised over women in the daily factory work. Finally highlights the relations between

¹ Professora substituta do Centro Federal de Educação de Minas Gerais. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais. Membro do Núcleo de Estudos Memória, História e Espaços - NEMHE - CEFET/MG.

employers and workers and the educational role that the factories, beside other institutions like the Church and the Family exerted on women, contributing to the formation of a female identity, linked to the devotion, selflessness, dedication, maternity and family.

KEYWORDS: Convents of factories. Education. Religiosity.

O que caracteriza melhor a pensão das operárias era o nome de Convento. De fato, quase todas as mulheres eram virgens, tanto quanto me é possível depor agora sobre esse assunto. Havia no Convento uma capela, com vidraças de várias cores, perturbando a luz do dia. A presença das imagens e da luz alterada mantinham aí um ambiente estranho, que infundia respeito. Nunca entrei na capela a correr. Minha tia era abadessa, diziam. Só agora percebo a ironia: porque a casa passou definitivamente a chamar-se Convento. (.....).
Até 12 anos, fiquei em companhia das virgens no Convento, onde meu pai ia ver-me quase todos os dias (...).
Eu não podia continuar entre as operárias virgens da Fábrica do Cedro.
Jair Silva

Introdução

As fábricas têxteis originadas no processo de industrialização brasileira, a partir de meados do século XIX e princípio do século XX, proporcionaram um novo espaço de trabalho, profissionalização e socialização para a população de um modo geral. E de modo especial para as mulheres, que se constituíram na mão de obra preponderante dessas fábricas. Essa foi uma tendência em praticamente todos os países por onde se instalou o capitalismo industrial.

Em Minas Gerais, o processo foi semelhante e, em muitas fábricas mineiras instaladas na província a partir de meados do

século XIX, as mulheres foram aos poucos enchendo as salas de fiação e tecelagem, se tornando a força de trabalho principal.

No entanto, o emprego de mulheres, muitas delas órfãs e jovens, impôs aos proprietários das fábricas a necessidade de organizar formas de recolher e abrigar as moças, o que os levou a organizar moradias denominadas por alguns de conventos. Há notícias delas na Cia União Itabirana, em Itabira, na fábrica de Biribiri, em Diamantina, na fábrica de Marzagão, na região de Sabará e nas fábricas pertencentes à Cia Cedro & Cachoeira, além de outras.

O que nos chama a atenção nessas casas de recolhimento ou conventos, como quer alguns, é a sua dimensão educativa e formativa associada a uma prática de vigilância, reclusão e disciplinarização imposta às suas moradoras. Tudo isso “temperado” com valores simbólicos de uma religiosidade católica presente no cotidiano das fábricas, compartilhada por patrões e trabalhadores.

À primeira vista, as características dos chamados “conventos de fábricas” muito os aproximam das casas religiosas e de recolhimento para mulheres instaladas no Brasil e em Minas Gerais, a partir do século XVIII. No entanto, o fato de serem organizados em espaços voltados para o trabalho e atenderem a determinados interesses econômicos de seus organizadores, tais conventos adquirem uma conotação especial, que ora os aproxima dos conventos católicos e recolhimentos e ora os distancia.

O objetivo deste artigo é refletir sobre algumas casas de recolhimentos para operárias instaladas em fábricas mineiras, analisando-as a partir do contexto social e cultural mais amplo, no qual se inserem também os conventos católicos e os recolhimentos para moças. Para tanto, tomamos como referência a Cia Cedro & Cachoeira e parte do seu acervo epistolar.²

² Este texto se fundamenta nos resultados da pesquisa desenvolvida pela autora intitulada “De meninas fiandeiras a mulheres operárias: a inserção da mão-de-obra feminina na Cia de Fiação e Tecidos Cedro e Cachoeira (1872 -1930), defendida no Programa de Pós-graduação em Educação Tecnológica do CEFET/MG em agosto de 2009.

Conventos e recolhimentos católicos: devoção, religiosidade e isolamento de mulheres

Os conventos e os recolhimentos organizados no Brasil a partir do século XVIII se destinavam a receber moças e mulheres que para lá eram encaminhadas, seja para seguir a vocação religiosa, seja para ficarem recolhidas por um tempo determinado.

Apesar de a primeira vista estas casas se assemelharem, recolhimentos e conventos tinham características diferenciadas que as distinguiam entre si. No caso dos conventos, esses eram instituições canônicas cujo objetivo principal era fazer florescer as vocações religiosas das mulheres. Além disso, necessitavam para o seu funcionamento, de uma concessão direta da Santa Sé e, por isso, estavam submetidos às leis que regulavam a vida religiosa. Ademais, as mulheres ali viviam sob o regime da clausura, voltadas para uma vida espiritual de dedicação e contemplação a Deus. Como conventuais as moças poderiam fazer os votos religiosos, tornando-se membros da Igreja.

Já os recolhimentos eram casas leigas que serviam aos mais variados objetivos. Sua criação requeria apenas uma licença episcopal e havia a ausência dos votos. Segundo Suely Creuza de Almeida³, os recolhimentos se situavam a meio caminho dos conventos, pois possuíam uma faceta educativa, impunham às suas internas uma disciplina semelhante a dos conventos, mas, ao contrário desses últimos, não existia a adoção dos votos canônicos. Junto a isso, possuíam um sustento próprio que provinha dos dotes e das doações das famílias das internas. Tais características os tornaram instituições mais interessantes à Coroa portuguesa, especialmente para as regiões das minas, pois além de eximir o Estado de encargos financeiros, não impedia que as mulheres ali reclusas contraíssem matrimônio, coisa fundamental para os colonizadores ciosos de povoar a terra descoberta. Neste sentido, Júnia Furtado esclarece que:

³ ALMEIDA, Suely Creuza Cordeiro de. *O sexo devoto: normatização e resistência feminina no império português XVI-XVIII*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2005.

Era crônica a falta de mulheres na colônia, principalmente brancas, e, naquela região, de povoamento recente e voltado à exploração do ouro e do diamante, a situação era mais grave. O número de homens era muito superior, e a predominância de negras e mulatas diminuía a oferta de jovens casadoiras e dificultava o estabelecimento de relações estáveis legalizadas pelo matrimônio católico. A coroa se viu obrigada a limitar o ingresso de mulheres nos recolhimentos e até mesmo a proibir a instalação na capitania; por isso, Macaúbas funcionou mais ou menos informalmente ao longo de quase todo o século XVIII, apesar de supervisionado pelo bispado do Rio de Janeiro.⁴

Suely Almeida ainda argumenta que os recolhimentos originaram-se em Portugal e, foram organizados como forma de encontrar um lugar onde abrigar as mulheres pobres, e aquelas das quais os maridos passavam boa parte do tempo distantes da família, envolvidos com questões políticas e econômicas. Situação que deixava um grande número de mulheres desprotegidas econômica e socialmente falando. Tratava-se, segundo Almeida, de uma “população feminina indesejável” para quem havia de se encontrar um lugar e uma solução. Conforme nos esclarece a autora:

O abandono dessa camada de mulheres muito incomodava a sociedade, pois não havia formas alternativas para o Estado desvencilhar-se de uma população feminina indesejável. Inaceitável era para a nobreza, tanto do Reino como do Brasil colonial, ver suas filhas contrair matrimônio com pessoas de estirpe inferior ou ver a miséria de sua condição leva-las da dissolução dos costumes à prostituição. Os recolhimentos, como instituições leigas, surgem para dar solução a essa problemática social.⁵

⁴ FURTADO, Júnia Ferreira. *Chica da Silva e o contratador dos diamantes* – O outro lado do mito. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.189.

⁵ ALMEIDA, Suely Creuza Cordeiro de. *Op.cit.* p.131-32.

Tânia Quintaneiro⁶, de forma semelhante, ao analisar a situação das mulheres no Rio de Janeiro no século XIX, define as casas de recolhimento como um prolongamento dos “claustros” domésticos em que vivia uma parcela do grupo feminino. Sua principal utilidade era a guarda de senhoritas e de senhoras que, por várias razões, necessitavam da proteção “contra os perigos reais ou imaginários”. Aí resguardadas, as mulheres se entregavam à “adoração divina”.

É importante ressaltar igualmente, que uma diferença substancial entre os conventos e os recolhimentos estava na função educativa de cada um dos espaços. Enquanto os conventos preparavam as mulheres para uma vida de celibato e devoção religiosa, os recolhimentos, ao contrário, preparavam-nas para uma vida secular, de mães, educadoras e donas de casa.

Assim, de acordo com Suely Almeida, os recolhimentos se inseriam na engrenagem social do século XVII e XVIII, ou seja, não só recolhiam, guardavam, cuidavam, protegiam e preservavam a honra das mulheres, mas também se preocupavam em fortalecer o papel de mãe, de esposa abnegada, de mulher contida e dedicada. Buscavam a formação moral, religiosa e mesmo intelectual que adequasse as mulheres à função de educadora e formadora dos filhos, e quiçá, dos futuros cidadãos⁷.

Em Minas Gerais, um exemplo de tais recolhimentos femininos é o Mosteiro de Nossa Senhora de Macaúbas, datado do século XVIII e localizado na região de Santa Luzia. Fundado em 1716, por Félix da Costa⁸, o recolhimento funcionou durante alguns anos como uma casa religiosa e educandário. Porém, em

⁶ QUINTANEIRO, Tânia. *Retratos do Brasil: o cotidiano feminino no Brasil sob o olhar dos viajeros do século XIX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 59

⁷ *Ibid*, p. 134-135

⁸ Félix da Costa era nascido na cidade de Penedo, Pernambuco. Sob a chefia do irmão mais velho, capitão Manoel da Costa Soares, a família de Félix decidiu ir às Minas em busca de terrenos onde pudesse viver melhor. Chegaram então ao “sítio denominado de Macaúbas”, no início do século XVIII, “onde se estabeleceram em casa e terrenos comprados a Antônio da Silva” (FARIA, 1987, p. 128).

1789, concentrou suas ações como educandário feminino, para então em 1846, sob os cuidados de D. Viçoso, se estabelecer como uma instituição de recolhimento, aliando a função de clausura para moças recolhidas e um educandário de cunho religioso, moral e doméstico para a formação de mães de família e esposas exemplares. Atualmente abriga um convento de clausura da Ordem das Concepcionistas, voltado para suas funções religiosas.⁹

Segundo Adair Rocha¹⁰ e outros autores, o Recolhimento e Educandário de Nossa Senhora de Macaúbas representou uma opção de instrução para uma parcela da população feminina mineira, especialmente aquela pertencente às classes mais abastadas, constituindo-se mesmo, conforme assinala Luiz Carlos Villalta,¹¹ como uma instituição pioneira ao oferecer um plano de formação e instrução para o sexo feminino. Formação essa que implicava no ensino da Doutrina Cristã, das orações de devoção, dos evangelhos, de noções de geografia, de história, de matemática e de trabalhos com agulhas.¹²

Contudo, quando nos debruçamos sobre essas instituições, fossem elas conventos ou recolhimentos, e a despeito das peculiaridades que as distinguiam entre si, uma coisa é certa, todas elas tinham como “princípio educativas” a religiosidade, o isolamento, a clausura e uma pedagogia voltada para a

⁹ Sobre D. Viçoso e este Recolhimento sugerimos a leitura de: ROCHA, Adair José dos Santos. *A educação feminina nos séculos XVIII e XIX*: intenções dos bispos para o Recolhimento Nossa Senhora de Macaúbas. 2008. Dissertação – (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. e FARIA, Maria Juscelina de. Nota Histórica: Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Macaúbas – um recolhimento mineiro do século XVIII. *Análise e Conjuntura*, Belo Horizonte, 2(1), 125-144, jan./abr.1987.

¹⁰ ROCHA, Adair José dos Santos. Op. cit, 2008.

¹¹ VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: Língua, instrução e leitura. In: *História da Vida Privada no Brasil I*: cotidiano e vida privada na América portuguesa. Laura de Mello e Souza (Org). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

¹² ROCHA, Adair José dos Santos. 2008. Op. cit, p. 146. 2008

devoção, para o desenvolvimento de uma moral e de uma virtude apropriadas às mulheres e adequadas para a sociedade dos séculos XVIII e XIX. Conforme deixa claro um documento de 1781, referente ao recolhimento de Macaúbas: “o mais conveniente e seguro asilo não só das donzelas e das viúvas, que querem se dedicar a Deus Nosso Senhor” (...) das casadas que, por alguma legítima causa, não vivem em companhia de seus maridos”.¹³

Nesse sentido, tais instituições refletiam o imaginário e as relações de gênero presentes à época e que norteavam as relações entre homens e mulheres. Igualmente, são símbolos do poder exercido pela sociedade, de modo geral, e pelos homens, de forma mais estreita, sobre as mulheres. Esta proximidade pode ser mais esclarecida por Michel Foucault ¹⁴ quando ressalta que os conventos acabaram se estabelecendo como o modelo de disciplina a todas as outras instituições destinadas à educação feminina, surgidas no período moderno. Assim sendo, a clausura, as regras morais do bem viver e as práticas de fé e de devoção se tornaram modelos e referências quando se tratava de educar as mulheres.

Segundo Suely Almeida, os recolhimentos não poderiam, portanto, se afastarem do modelo conventual, pois buscavam preparar uma mulher para o casamento, “estado em que deveria ter inculcado as ideias de pureza e honestidade, tão importantes para garantir as estruturas sociais”. Ainda de acordo com a autora:

As práticas e exercícios de oração e devoção encaminhavam as mulheres para modelarem-se segundo a noção do *Sexo Devoto* e nada mais adequado para isso do que uma casa decalcada do convento, mas que atendesse as novas propostas sociais. Assim,

¹³ MENEZES, I. P. de. Documentação referente a Minas Gerais existente nos arquivos portugueses. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte, n. 26, p. 121-303. Citação: 274. Apud FARIA, Maria Juscelina de. Nota Histórica: Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Macaúbas – um recolhimento mineiro do século XVIII. *Análise e Conjuntura*, Belo Horizonte, 2(1), jan./abr.1987, p. 125.

¹⁴ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1997.

as instituições de clausura do período moderno estabelecem uma circularidade de trocas com sociedade. Elas são fruto das necessidades individuais e coletivas, realizando uma comodidade de saberes, valores e práticas que, amalgamadas, criaram uma ampla flexibilidade; uma forma mesmo plural para a movimentação dessas instituições.¹⁵

E nesta teia minuciosamente tecida em torno das mulheres, na qual religiosidade e educação podem ser consideradas os fios que dão sustentação à trama, é que podem ser inseridos e compreendidos os “conventos de fábricas”. Casas de recolhimento de meninas órfãs, moças e mulheres já adultas, solteiras ou viúvas sem filhos, que vinham para trabalhar em muitas fábricas têxteis fundadas em Minas Gerais a partir de meados do século XIX.

Os “conventos de fábricas”

A epígrafe deste artigo é um trecho de uma crônica de autoria do jornalista mineiro Jair Silva. Natural de Paraopeba, era sobrinho de uma das últimas abadessas do Convento da Fábrica do Cedro, de propriedade da então Cia Cedro & Cachoeira, localizada próxima à cidade natal do jornalista.

Em suas lembranças de menino, Jair Silva relata a sua vida no convento da fábrica ao lado das moças que lá viviam, ao mesmo tempo em que dava pistas do modo como funcionava, diz ele:

Minha tia Maria das Chagas Christo morava a 2 km de distância de Paraopeba, no Cedro. Administrava uma pensão, exclusivamente para operárias da fábrica de tecidos. Em vários lugares existem pensões assim (sem conhecer meu passado, o Sr Carvalho de Britto mostrou-me uma igual em Marzagão). O que caracteriza melhor a pensão das operárias era o nome de Convento. De fato, quase todas as mulheres eram virgens, tanto quanto me foi possível depor agora sobre esse assunto. Havia no Convento uma capela, com

¹⁵ Ibid, p .136

vidraças de várias cores, perturbando a luz do dia. A presença das imagens e da luz alterada mantinham aí um ambiente estranho, que infundia respeito. Nunca entrei na capela a correr. Minha tia era abadessa, diziam. Só agora percebo a ironia: porque a casa passou definitivamente a chamar-se Convento. (.....). Até 12 anos, fiquei em companhia das virgens no Convento, onde meu pai ia ver-me quase todos os dias (....). Ao anoitecer, cheguei ao Cedro. As moças do Convento ficaram acanhadas de me cumprimentar. Minha tia fez para mim uma cama dentro da própria capela. Ficara estabelecida a minha retirada do Convento. Eu não podia continuar entre as operárias virgens da Fábrica do Cedro.¹⁶

O mesmo convento foi igualmente assunto da escritora Maria Helena Ribeiro, também da região de Paraopeba, que o tratava como uma pensão de moças, diz ela em seu romance:

_ Aquela casa comprida, à direita, que foi recentemente construída é o Convento.
_ Convento?
_ Sim senhora. Mas não passa de um pensionato para moças. E talvez pelo fato de viverem ali moças algum tanto, enclausuradas, apelidaram a calma vivenda de Convento.¹⁷

O fato é que os conventos acabaram sendo erigidos em muitas fábricas como meio de recolher mulheres para o trabalho operário. Mas, se para alguns escritores e romancistas, os alojamentos para operárias se assemelhavam a uma pensão para moças, na dura realidade do dia a dia se distanciavam, e muito, dessa perspectiva literária. Cristiane Magalhães,¹⁸ ao estudar

¹⁶ SILVA, Jair. *Buena Dicha*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1936, p. 29-30; p. 46-47.

¹⁷ RIBEIRO, Maria Helena. *Fazenda da Ponte*. Rio de Janeiro: Gráfica O Cruzeiro, 1968, p.16. A autora foi operária da Fábrica do Cedro, onde trabalhou como tecelã. Além disso, seu pai e avô foram operários da mesma fábrica. P. 16.

¹⁸ MAGALHÃES, Cristiane Maria. *Mundos do capital e do trabalho: a*

a Fábrica da Gabiroba, de propriedade da Cia União Itabirana, afirma que se mantinham em suas dependências alojamentos diferenciados para as mulheres viúvas e para as solteiras. Estes últimos eram denominados por “casa das moças”, cuja direção ficava ao encargo de “uma mulher moralizadora”. Magalhães ainda afirma que um comportamento moral ilibado por parte das moças era uma exigência da Cia. Neste alojamento da União Itabirana residiam em média de quarenta a sessenta operárias, sempre acompanhadas de uma mulher mais velha, disciplinadora, responsável pela ordem e pelo comportamento irrepreensível. Em caso de mau procedimento por parte das operárias, o gerente da fábrica era logo acionado para que tomasse as devidas providências.¹⁹

O termo “convento de fábrica” foi cunhado por Michelle Perrot para descrever o modelo de moradia para operárias, adotado por unidades fabris na Europa moderna. Analisando os internatos para as trabalhadoras da seda da região de Lyon, a autora os descreve como:

Alojamentos lotados, severamente mantidos por religiosas, alimentam-nas miseravelmente, obrigam-nas a rezar. (...) Estes estabelecimentos, fundados inicialmente segundo o modelo do Lowell americano, assemelha-se na realidade, às *workhouses* britânicas ou japonesas (...) Nestes estabelecimentos, as mulheres entram muito jovens (por volta de dez-onze anos), geralmente por intermédio do padre da paróquia, e elas ficam até seu casamento.²⁰

Em visão análoga, Évelyne Surellot define tais “pensionatos” como instituições que misturam o “moralismo puritano” e a “avidez

construção da paisagem fábri itabirana (1874-1930), 2006. Dissertação – (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia de Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

¹⁹ MAGALHÃES, Cristiane Maria. Op cit., 2006.

²⁰ PERROT, Michelle. *As mulheres ou o silêncio da história*. Bauru: EDUSC, 2005, p. 229.

capitalista”. Para a autora, consistiam-se em verdadeiros “cativéis de inocentes”, cujo único pecado era de terem nascido pobres, de estarem sozinhas, indefesas e de necessitarem do trabalho para sobreviver. Surellot oferece uma descrição pormenorizada de um dos estabelecimentos femininos organizados por uma fábrica de tafetá francesa, nos fins do século XIX:

O emprego exclusivo de mulheres permitiu estabelecer em Jujurieux, uma norma que, pela sua rigidez, se aproxima da regra das congregações religiosas. Não se pronunciam votos, não se consagram quaisquer laços eternos, mas as operárias são obrigadas a um gênero de vida que as afasta e as isola do mundo inteiro, preservando-as, quer elas queiram ou não, das ocasiões de pecar. São também irmãs que têm o governo da casa. (...) Só são admitidas, em Jujurieux, moças e viúvas sem filhos. Quando as operárias saem (somente em casos especiais), são acompanhadas por uma freira. A igreja paroquial poderia ter sido um ponto de contato com o mundo: mas foi construída uma capela, no interior da manufatura, e os fiéis do exterior não podiam freqüentá-la. Quanto aos operários, chamados para serviços nas salas, são escolhidos com o maior cuidado e têm que demorar pouco tempo. É-lhes imposto silêncio, sob pena de dispensa imediata.²¹

Na perspectiva de Évelyne Surellot²², os conventos para operárias corporificavam a ordem, “com toda sua tenaz hipocrisia”, em alguns casos com as “cores do catolicismo”, como foi o caso de Jujurieux, em outros sob as cores do protestantismo, que segundo ela “não faz melhor”.

Em Minas Gerais, como já dissemos, muitas fábricas têxteis adotaram essa prática de recolhimento de moças, conforme pontua Domingos Giroletti.²³ No caso da Cia Cedro & Cachoeira,

²¹ SURELLOT, Évelyne. *A mulher no trabalho*. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1970, p. 85. (História e Sociologia)

²² SURELLOT, Évelyne. Op cit., p.86.

²³ GIROLETTI, Domingos. *Fábrica, convento e disciplina*. Belo Horizonte: Imprensa

há notícias de conventos instalados em suas três fábricas: Cedro, Cachoeira e São Vicente, todas fundadas ainda no final do século XIX.²⁴

Os “conventos” da Cia Cedro & Cachoeira, doravante designada por CCC,²⁵ guardavam muitas semelhanças com os conventos franceses descritos por Perrot e Surellot, como também ao da Cia União Itabirana, descrito por Magalhães. Como estes, se caracterizavam por um lugar disciplinar rigidamente organizado e controlado, onde as operárias viviam sob uma vigilância constante que cerceava seus passos e quiçá seus pensamentos.

As moças tinham o seu dia a dia controlado pelos horários das fábricas, compondo-se de trabalho, orações e repouso noturno. Algumas estudavam e, neste caso, se dirigiam à noite para as escolas noturnas para o sexo feminino, mantidas nas fábricas. Nos domingos podiam ir à missa, mas sempre acompanhadas pela abadessa. De acordo com Domingos Giroletti:

Oficial, 1991, p.171.

²⁴ Das três fábricas, a única em funcionamento é a Fábrica do Cedro, localizada no município de Caetanópolis, região central de Minas Gerais.

²⁵ A Cia de Fiação e Tecidos Cedro e Cachoeira tem sua origem em 1869, quando os irmãos Antônio Cândido, Bernardo e Caetano Mascarenhas se uniram por meio da Sociedade Mascarenhas & Irmãos para fundar, em 1872, a Fábrica do Cedro, considerada a primeira fábrica de tecidos instalada em Minas Gerais. Alguns anos mais tarde, outros membros da família Mascarenhas seguem o exemplo dos irmãos e fundam em 1877, a Fábrica da Cachoeira, localizada na região de Curvelo. Em 1883 decidem pela junção destas duas fábricas em uma sociedade anônima que recebeu o nome de Cia Cedro & Cachoeira, cujas ações foram distribuídas entre familiares e parentes. Sua mão-de-obra era formada basicamente por trabalhadores do campo, jornalheiros, artesãos e outros sem qualificação para o trabalho fabril. Eram homens, mulheres e crianças que aprenderam a ser operários no cotidiano da fábrica. É importante ressaltar que mesmo iniciando suas atividades em 1872, as mulheres só se tornam uma força de trabalho significativa em relação à masculina por volta de 1884, 1885, quando se tornaram a maioria dos trabalhadores. Situação que permaneceu, pelo menos, até 1940. Atualmente a CCC ou Cedro Têxtil, como é denominada, possui quatro fábricas: a centenária Fábrica do Cedro, localizada em Caetanópolis, uma em Sete Lagoas e duas em Pirapora, todas em Minas Gerais.

As moças viviam em regime de clausura. Ao saírem do Convento, ingressavam em outros espaços sociais fechados, onde suas vidas e seus comportamentos continuavam regulados e fiscalizados: na fábrica pelo regulamento interno, pelos chefes, subchefes e pelo gerente, na escola: pelas normas disciplinares escolares e pela autoridade do professor; na igreja: pelo controle social exercido pelos fiéis, pelo padre e pelas autoridades presentes. Em outras circunstâncias, o contato com o mundo exterior seguia regras de mosteiros ou de outras casas religiosas. Os conventos, como aqueles, eram cercados por muros altos. O da Cedro, segundo uma informante, tinha três metros de altura. Havia também muro no da Cachoeira.²⁶

Eram dirigidos por uma regente chamada de abadessa pelos proprietários da CCC, cuja principal função era manter as operárias sob controle. A abadessa era uma mulher cuidadosamente escolhida. Deveria ser uma pessoa idônea, solteirona ou viúva e disposta a aceitar as condições de trabalho. Semelhante às operárias, tratava-se de uma mulher desvalida, vivendo muito próxima da miséria e da precariedade social. Conforme exposto na carta de 16 de janeiro de 1898, escrita por Caetano Mascarenhas, um dos proprietários da Cia, endereçada ao Superintendente:

A abadessa arranjada é boa. É só mandares condução para ela, uma moça, duas meninas taludas e um rapaz. Fiz-lhe ver que não querias lá o rapaz, para não ter desculpas de visitar a mãe e irmãs no Convento, ela se sujeita a separar-se dele uma vez que lhe dê emprego. É rapaz sério e incapaz de qualquer má ação. Boa família. (...) Não tratei preço com a abadessa. É gente de boa raça e muito pobres e satisfazem-se com qualquer coisa justa e razoável. Manda buscá-los.²⁷

²⁶ GIROLETTI, Domingos. Op. cit., p. 179.

²⁷ Caixa de correspondência nº 10 A. Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas.

Ao contrário dos conventos de fábricas franceses cuja regência estava a cargo de irmãs que pertenciam a congregações católicas, em Minas Gerais isso não ocorreu, pois geralmente se lançava mão de mulheres leigas para regerem “a casa das moças”. Mesmo que os conventos fossem frequentados por freiras, como atestado em algumas cartas dos gerentes.

No entanto, a influência católica nas fábricas, bem como em seus conventos, foi expressiva. Católicos fervorosos, os fundadores da CCC, buscaram reproduzir os rituais e as crenças do catolicismo no cotidiano de suas fábricas. Eram comuns as celebrações de missas e a organização de momentos festivos para membros da igreja, que uma vez ou outra visitavam o povoado. Uma missiva de um dos gerentes da Cia escrita em 17 de novembro de 1885 narra um desses momentos:

Mandei rezar antes de ontem, aqui uma missa por alma de tua virtuosíssima Mãe e minha muito estimável parenta; a missa foi reunida por todos os empregados d'esta fábrica (*sic*). Não pudemos ter do 7º dia por falta absoluta de padre, o que muito sentimos.²⁸

A morte do pai dos proprietários da CCC também foi motivo para a realização de uma missa, evento narrado na carta de Francisco Mascarenhas para seu irmão Bernardo em 19 de janeiro de 1884: “Hoje foi nesta fábrica a missa do 7º dia, assistida por todos os habitantes desta fábrica, e amigos do Curvelo.”²⁹ Esta devoção³⁰ parece ter sido compartilhada pelos operários da Cia. É o que sinaliza algumas correspondências como a do gerente da Fábrica da Cachoeira encaminhada ao superintendente:

Os operários desta fábrica pediram-me para fazer-te lembrada uma caridade, que há tempos já lhe fora concedida por seu

²⁸ Caixa de correspondência nº 11 A – Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas.

²⁹ Caixa de correspondência nº 3 A – Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas

³⁰ Segundo dados do Censo de 1872, a população de Taboleiro Grande neste período era de 7.396, dos quais 7.390 se declararam católicos e acatólicos.

intermédio e da companhia, de uma missa mensal nesta fábrica, principalmente agora que já temos a nossa Capela; dizem eles que isso fora concedido mas que depois com a idéia de levantar-se aqui um apostólico (o que ficou inteiramente malogrado), paralisou-se; porém verificada a impossibilidade da paróquia, por isso renovam eles o pedido de execução daquela promessa, aliás anteriormente já decretada (...) na afirmativa pergunto-te se posso contratá-lo com o Padre Chiquinho de Curvelo ou se fará dali, pois os operários acham-se muito desejosos.³¹

Igualmente, muitas outras missivas fornecem testemunhos da forte influência católica no cotidiano das fábricas como a que se segue, redigida pelo superintendente da CCC em 10 de novembro de 1890:

A Diretoria deliberou contratar um padre e um boticário com botica para a Fábrica da Cachoeira (...) e concorrer com a quantia de cem mil réis para o contrato com o padre, (...) para que, com possível brevidade, seja aí estabelecido culto religioso, mesmo por já ter sido construída uma capela podendo contar com 200\$000 réis para contratarem um sacerdote que aí vá celebrar missa mensalmente.³²

No que se refere à organização e à rotina internas dos conventos fabris, além de uma “clausura” quase monástica, as suas moradoras eram encarregadas também das tarefas de limpeza, cozinha e tudo mais necessário à manutenção dos mesmos. As despesas com alimentação eram divididas entre as residentes, conforme descrito na carta do gerente da Fábrica do Cedro datada de 6 de dezembro de 1882, cujo depositário era o gerente da Fábrica da Cachoeira:

³¹ 13/07/1892 – Caixa de correspondência nº 20 – Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas.

³² Copiador de Cartas da Fábrica do Cedro de 1890 a 1891, fl. 34. Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas.

Continuando a nossa de 22 do p.p. (*sic*) A proposta que fazemos a Sra. Anna é a seguinte: vir ela (*sic*) desempenhar o cargo que aí ocupa a regente do seu convento, podendo estabelecer aqui os estatutos internos em vigor no de aí, ficando à vontade de trabalhar por conta própria na fábrica ou em casa nos serviços compatíveis com sua inteligência, posição e aptidão. Quanto à alimentação dela e das moças que ficarem sob sua vigilância, será também como aí em comum, à própria custa e semanalmente rateadas as despesas que serão feitas em comum acordo entre ela e elas, mas sempre sob a direção da regente, para cujo trabalho e outro concernente ao lugar que assumir terá a gratificação de 90\$000 réis (*sic*) por ano. Só depois de um ou mais anos, o nosso convento terá número de moças que tem o daí, tomando-se por isto quase nenhum trabalho da regente que fosse dispor de quase todo o seu tempo.³³

As condições de acomodação dos conventos eram, em alguns casos, precárias. Um inventário realizado em 1887 pelo gerente da Fábrica do Cedro revela a simplicidade dos móveis e utensílios existentes em seu convento. Na lista constavam os seguintes objetos: 1 caldeirão, 15 camas grossas, 3 caçarolas, 1 chocolataria de folha, espeto, colher de ferro e coador, 1 bacia de ferro batido, 1 lata de folha, 1 caldeirão novo, 1 caldeirão de ferro batido estanhado, pratos, talheres, tigelas, xícaras, etc. e 1 panela de ferro.³⁴ Já em uma correspondência de 15 de outubro de 1887, o gerente da Fábrica da Cachoeira relata a reforma realizada no convento desta fábrica, ao mesmo tempo em que explicita as condições em que se encontrava o prédio antes da reparação:

Organizei o novo convento, para o qual abri o antigo convento em um só dormitório, ocupando a casa grande onde morei, para a sala de visitas, sala de jantar, enfermaria, dispensa e quarto da governante no qual passarão todas as moças para o dormitório que pode comportar

³³ Livro Copiador da Fábrica do Cedro de 1882, p. 343.

³⁴ Balanço Geral da Fabrica do Cedro em 31 de Dezembro de 1887 – Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas. Caixa Box nº 218.

60 leitos. Me foi (*sic*) preciso retocar todo o muro do pátio que estava quase todo danificado, e fiz um bom banheiro e latrina, e está tudo organizado com as melhores condições higiênicas, tudo muito arejado, pois as pobres operárias dormiam em cubículos infectos e havia sempre grande número de enfermas, o que não há mais. Quando aqui estive o Bernardo eu levei-o e o Dr. Pacifico ao convento para verem em que estado estava, e eles ordenaram-me fazer esse melhoramento, e nem assim fiquei livre da grande queixa que há quanto as obras.³⁵

A mudança feita na Fábrica da Cachoeira foi aprovada pelo superintendente da CCC que, em carta ao gerente da Fábrica da Cachoeira, informava que procedimento semelhante havia sido feito na Fábrica do Cedro: “Aprovo muito teres procurado e reformado o estabelecimento do Convento com condições higiênicas. Tivemos adotado cá esta medida, não tivemos empatado tanto dinheiro em casas.”³⁶

Na carta acima, além das precárias condições físicas das construções, outro dado pode ser apreendido, é a expectativa quanto ao número de operárias que deveriam residir nessas moradias. No caso da Fábrica da Cachoeira, o gerente relata uma reforma feita para abrigar cerca de 60 operárias. No entanto, a despeito de abrigar um número alto de moradoras, como o caso da missiva acima, a quantidade de trabalhadoras residentes nos conventos poderia variar, dependendo da situação, como sugere a carta escrita pelo gerente da Fábrica do Cedro em 4 de junho de 1894, na qual expõe alguns motivos para estas oscilações:

O nosso Convento, que era de 30 moças, está reduzido a 10, devido à péssima direção que estava tendo. Mudei a regente que era coisa ruim e as moças que existem estão satisfeitas, mas saíram quase todas, como já disse, umas para casarem, outras por causa da tal regente.³⁷

³⁵ Caixa de correspondência nº 11 A – Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas.

³⁶ Carta datada de 19 de outubro de 1887 – Livros Copiador de Cartas da Fábrica do Cedro de 1887 a 1888 – Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas.

³⁷ Livro Copiador de Cartas da Fábrica do Cedro de 1894, p. 332 – Museu

Ademais, algumas cartas sinalizam para dificuldade de arregimentar trabalhadoras dispostas a residirem em tais moradias, por maior que tenha sido o empenho em recrutá-las. A carta recebida pelo superintendente da CCC em 29 de dezembro de 1896, enviada por José Mortmer Dayrell, um importante comerciante da região do Serro, é um significativo exemplo:

Logo que recebi sua carta fui incontinentemente com o Serrano à fazenda do Cap. Rodrigo Pimenta a fim de autorizar as despesas e providenciar sobre a ida das moças. Destas, umas se puseram prontas e até receberam quantias por adiantamento; outras se recusaram a seguir e restituíram o dinheiro adiantado. Fiz aqui com o Sr Serrano todos os esforços no sentido de obter outras moças e uma senhora para regente ou abadessa: mas foram infrutíferos todos os meios que empreguei.³⁸

Para os gerentes, os conventos eram como um lugar “sagrado”, onde a seriedade, a moralidade, a disciplina e a ordem deveriam ser mantidas a todo custo. Isso servia para garantir a legitimidade desses espaços diante da sociedade, imagem que os próprios administradores se encarregavam de reforçar. Em uma carta endereçada ao proprietário de uma fábrica de tecidos de Montes Claros, o gerente da Fábrica do Cedro explica ao seu amigo o funcionamento da casa, atestando a sua idoneidade, a ordem e o controle:

A fábrica sustenta aqui um convento onde são recolhidas moças operárias, regidas por uma senhora de excelentes qualidades e de toda confiança, sob cujas vistas vivem as moças satisfeitas, em comunidade, passeando, indo à missa no arraial, que é próximo; tem médico, o botico (*sic*) por conta da fábrica, e só provêem (*sic*) de comestíveis e vestuário; as despesas de alimentação tornam-

Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas.

³⁸ Caixa de correspondência nº 25 A – Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas – grifo nosso.

se medíocre para cada uma, visto como é repartida entre todas, sendo a casinha uma só; assim quanto maior for o número, mais favorável se tornará a despesa de cada uma. O Convento é sujeito a gerência geral.³⁹

Em sua descrição, o nosso gerente deixa claro que o convento está “sujeito a gerência”. Isso só corrobora com a ideia de se tratar de um lugar caro a esses homens, pois, ao contrário de outras seções das fábricas entregues a mestres e contra-mestres, o convento estava diretamente submetido à chefia geral. E cuidar da vida das mulheres que aí residiam era algo que ocupava o tempo dos gerentes. São inúmeras as cartas que relatam as mais inusitadas situações envolvendo as suas moradoras e os seus patrões, especialmente aquelas que diziam respeito aos namoros das moças. Situações que, para eles, poderia colocar em risco a honra e a virtude da moça, ao mesmo tempo denegrir a imagem da fábrica considerada um lugar de gente honesta, bem comportada e ordeira. Em uma das missivas, de autoria do gerente da Fábrica de São Vicente, datada de 1897, o fato ocorrido acarretou na expulsão do operário:

O Sr. Clarindo foi despachado do serviço por ter declarado uma moça empregada da fábrica que ele lhe convidara para atos imorais, por vezes a diversos brinquedos também ilícitos, sendo ela chamada para dar explicação, declarou, em vista da Abadessa e do maquinista chefe, estes fatos.⁴⁰

Outra situação envolvendo um casal de operários da Fábrica da Cachoeira resultou na demissão do mesmo, o relato foi feito pelo gerente da fábrica em 30 de agosto de 1885, por meio de uma carta cujo depositário era o superintendente da CCC:

³⁹ Livro Copiador de Cartas Fábrica do Cedro, 1888-1889, p. 419-20 – Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas – grifo nosso.

⁴⁰ Caixa de correspondência nº 26 A – Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas.

Vi- me obrigado a expulsar o mestre Pitta d'esta fábrica, em vista de seu procedimento, metido em namoros com uma antiga rapariga do convento. Despachei a rapariga e ele acompanhando-a pôs-lhe (*sic*) casa no Curvelo onde estão talvez. ⁴¹

Alguns acontecimentos relativos a estas questões de sexualidade e relações afetivas geraram nos gerentes reações, muitas vezes, extremas, como é o caso do tintureiro “ladrão de moças”, descoberto pelo gerente da Fábrica da Cachoeira. Acontecimento relatado em uma missiva de 30 de agosto de 1900:

Tem esta por motivo principal avisar-te que devido ao incorreto comportamento do tintureiro (...), o qual procurou seduzir neste local uma empregada, moça de família, o que ficou automaticamente comprovado por uma carta escrita pelo próprio punho do mesmo à mesma moça, despachei-o hoje deste estabelecimento (...). O tal tintureiro é uma droga das mais ordinárias, seduziu e mandou raptar uma mocinha ingênua; e para exemplo e moralidade do lugar vou processá-lo, assinando como parte no processo.⁴²

Poucos dias depois, o mesmo gerente escreve ao superintendente da CCC informando da participação do tal tintureiro em um caso de roubo de moças, algumas delas do convento da fábrica:

Afinal sempre (se) descobriu o ladrão das moças; o tintureiro, segundo dizem, está metido no meio da história; uma das moças era do convento. Diz a abadessa que ela escapuliu na hora em que as moças saiam da escola noturna. O ladrão principal é casado, filho do Thomaz Cesário; estou tocando processo de rapto contra tais audazes, para exemplo dos demais, e respeito do lugar. Todos os acionistas daqui foram de opinião que deviam ser processado

⁴¹ Caixa de correspondência nº 3 A – Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas.

⁴² Caixa de correspondência nº 30 A – Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas – grifo nosso.

para exemplo e moralidade do estabelecimento. Ajustei um advogado e estou tocando o processo para adiante, porém noto muita má vontade no tal Sr. Delegado daqui, que apesar do Juiz substituto requerer o auto de corpo de delito, ele negou-se a fazer, desobedecendo ao Juiz. Se o Antônio estiver por ali diga para vir já para assumir a jurisdição, a fim de poder concluir o inquérito que o tal delegado está muito parcial.⁴³

Em meio a tudo isso, Surellot⁴⁴ nos alerta para o fato de que a prática de empregar mulheres sozinhas e “enclausurá-las”, considerada pelos industriais como um “verdadeiro ato de caridade”, deve ser analisado com cuidado. No reverso dessa caridade está a possibilidade de empregar um grupo de operárias que, sozinhas, se tornam menos resistentes à ordem e às relações estabelecidas dentro das fábricas.

De fato, as moradoras dos conventos CCC eram em sua maioria migrantes. Ou seja, trabalhadoras recrutadas em localidades mais afastadas das fábricas em que seriam empregadas. Há cartas que descrevem a busca de operárias na região do Serro, de Diamantina, de Curvelo, de Sabará e até mesmo de Montes Claros. Sozinhas, longe da família, sem recursos financeiros para empreenderem uma viagem de volta para casa, sendo obrigadas, muitas vezes, a se empregarem nas fábricas por seus pais, tios, padrinhos e forçadas a se adaptar a uma rotina até então desconhecida, demonstrando uma situação que poderia acarretar uma fragilidade maior das trabalhadoras, corroborando com as afirmações de Surellot, mencionadas logo acima.

A maneira como o gerente da Fábrica do Cedro se refere a um grupo de operárias encaminhadas para o trabalho e, possivelmente, moradoras do convento, pode ser considerado um sinal das condições que as mulheres, algumas delas meninas, encontravam para trabalhar:

⁴³ 02/09/1900 – Caixa Box nº 30 A – Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas – grifo nosso.

⁴⁴ SURELLOT, Évelyn, Op. cit.

A respeito das operárias vindas, estimo que não haverá contratos especiais, por que, como dizes na mesma de 11 de p.p. (sic) vão trabalhar nas condições comuns, cada uma segundo as habilitações que tiver, e conseqüentemente (sic) com o salário que for estipulado.⁴⁵

É importante assinalar que os conventos se constituíram em uma estrutura vantajosa para os industriais. Primeiro no que se refere aos aspectos econômicos. Os proprietários se encarregavam da sua edificação e conservação, mas todo o resto era custeado pelas operárias como a manutenção doméstica, a alimentação e sua preparação e outros gastos aí inclusos. Além disso, a contratação das mulheres para o convento onerava muito pouco os proprietários, que mesmo custeando as despesas de viagem das moças, não hesitavam em descontar do salário pago a elas, o valor gasto com os preparativos e viagem até os locais de trabalho. Sem falar que o convento poderia abrigar um número maior de trabalhadores, coisa que na vila operária exigiria a construção de mais edificações. Fato que fica muito claro na missiva de um dos gerentes, na qual constata a vantagem de se contratar moças sós para estas casas de recolhimento:

Como sabes não convém quer façamos mais casas; as que têm são suficientes, tanto mais que na proporção que alguma família se retira, a vou substituindo por moças do convento que são os melhores empregados (...). Tenho arranjado de modo que para o maquinismo nosso, só tenho admitido alguns meninos e umas 4 moças (do convento) para os fusos, sendo os 30 teares novos trabalhados pelas antigas operárias, uma em dois teares, nos saindo assim a tecelagem com diferença de 30 a 40% mais barato.⁴⁶

⁴⁵ 20/03/1890 - Livro Copiador de Cartas da Fábrica do Cedro de 1889 a 1890, p. 214 – Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas – grifo nosso.

⁴⁶ 23/02/1887 – Caixa de Correspondência 11 A – Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas.

Em segundo lugar, os conventos contribuíam para reforçar a imagem de benevolência, caridade e proteção construída em torno dos industriais, muitas vezes, senhores de considerável domínio local. O que ajudava a fortalecer e ampliar uma rede clientelar cujas fábricas eram o centro. E por último, a reclusão das operárias facilitava sobremaneira as ações de vigilância, controle e disciplina sobre as trabalhadoras, conforme fica explícito nas cartas já transcritas aqui.

Os conventos foram mantidos pela CCC, ao que parece, até meados da década de 1920, quando foram fechados. O primeiro a ter suas atividades encerradas foi o da Fábrica do Cedro, pois os últimos registros sobre ele constam nos livros de pontos de 1919. Além disso, o inventário dos móveis e utensílios existentes no convento desta fábrica feito em 1921 sugere que não havia mais moradoras, pois se restringia a apenas 2 bancos, 1 mesa de jantar e um 1 sino pequeno.⁴⁷ Já com relação aos conventos das fábricas da Cachoeira e São Vicente há registros até 1924.⁴⁸

As razões para a sua extinção ainda são desconhecidas, entretanto nos arriscamos a pensar que a partir dos primeiros anos do século XX as fábricas não necessitavam mais de operários migrantes. Hipótese que se fundamenta no fato de que nas primeiras décadas do século XX, o aliciamento de operários já não aparece com a mesma frequência com que aparecia nas cartas de períodos anteriores. Após mais de três décadas de funcionamento, os indícios apontam para a existência de um núcleo urbano significativo em torno destes estabelecimentos fabris, formado tanto pelas famílias operárias, bem como por pessoas que ali se estabeleceram em função das fábricas. Fato que garantiria uma oferta de mão de obra local. Ponderamos ainda que as próprias mulheres foram resistindo, da forma como puderam, aos conventos das fábricas, por todas as razões já expostas aqui:

⁴⁷ Balanço da Fábrica do Cedro de 31 de dezembro de 1921 – Caixa Box nº 204 A – Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas.

⁴⁸ Balanço Geral da Fábrica da Cachoeira de 31 de dezembro de 1924 – Caixa Box nº 219 – Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas.

isolamento, controle, vigilância e disciplina excessivos.

De qualquer forma, uma anotação feita no Relatório Anual da Cia Cedro e Cachoeira, apresentado à Assembleia Geral de Acionistas em 1899, sinaliza que os conventos na época já apresentavam problemas. Infelizmente o relatório não esclarece a natureza de tais problemas:

Também para o pessoal é urgente a construção de mais 4 a 6 casinhas, pois ainda há falta de tecelonas (*sic*) e não se tem aqui um quarto disponível, além do que seria desvantagem aumentar o número de famílias, suprimindo-se o convento que atualmente só traz incômodos e inconvenientes .⁴⁹

Diante do que foi exposto a respeito dos conventos das fábricas, pensamos, assim como Giroletti⁵⁰, que estas instituições foram mais do que uma pensão para moças. No entanto, há que se perguntar: em que medida os conventos de fábricas se aproximam dos seus similares católicos e aos recolhimentos? Olhando mais detidamente sobre a sua organização e constituição, podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que eles não eram conventos, pelo menos como os conhecemos. Ora, como já dissemos na seção anterior deste artigo, os conventos dos séculos XVIII e XIX eram instituições canônicas, atreladas a uma ordem religiosa e que buscavam acima de tudo a formação de freiras para uma vida devota a Deus e à religião. Sem dúvida, esse não era o objetivo das casas para moças das fábricas. Ao contrário, elas foram fundadas com o fim explícito de acomodar trabalhadoras. Ou seja, há aqui um interesse econômico importante. Ademais, as trabalhadoras não faziam votos religiosos, nem de castidade. Mesmo sob os olhares da abadessa e dos seus patrões, muitas delas namoravam e se casavam, não se esquivando de uma vida secular.

⁴⁹ Relatório Anual da Cia. Cedro e Cachoeira, 05/04/1899 – Pasta de relatórios de 1884 a 1903 – Acervo pessoal Décio Mascarenhas – Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas.

⁵⁰ GIROLETTI, Domingos. Op. cit.

Por essas razões, nos arriscamos a dizer que os conventos de fábricas se aproximam muito mais das casas de recolhimentos. Isto porque, além de estarem voltados para uma vida secular e serem instituições organizadas por leigos, os conventos fabris possibilitavam uma educação escolarizada oferecida pelas escolas femininas instaladas no complexo fabril.⁵¹ Por tudo isso fica visível que, por trás desse processo, havia por parte das fábricas uma intencionalidade educativa que era a de formar mulheres virtuosas, dóceis, obedientes, dedicadas ao trabalho e à família e tementes a Deus. Um artifício muito próximo ao que ocorria nos recolhimentos, como o de Macaúbas, por exemplo.

No entanto, o fato de suas moradoras serem operárias, faz dos recolhimentos fabris algo singular, que também os diferencia dos recolhimentos educandários dos séculos XVIII e XIX. As recolhidas estão aqui para trabalhar, e toda a ação educativa da qual vimos falando nas fábricas se dava no trabalho e pelo trabalho. Ou seja, era se “formando” como operárias que as mulheres eram também educadas enquanto mulheres e, ao se casarem seriam desligadas do trabalho, para assumirem suas funções domésticas de esposas, donas de casas dedicadas, mães atenciosas e amorosas, podendo retornar às fábricas quando já fossem viúvas e necessitadas de uma renda para o sustento da família.⁵² Uma carta escrita por Mascarenhas e Irmãos, endereçada a operária Hermenegilda Mitz, em 5 de fevereiro de 1881, corrobora o que estamos dizendo:

O trabalho é a lei suprema da humanidade e a preguiça é cancro roedor, causa da miséria e que muitos prejuízos têm dado a esta fábrica. Nos nove anos que Vmcê. (*sic*) tem trabalhado aqui, tem

⁵¹ Estas escolas femininas funcionaram nas fábricas da CCC até a virada do século XIX para o século XX.

⁵² Localizamos muitas cartas nas quais viúvas se dirigiam aos proprietários da CCC, seja diretamente ou por intermédio de alguém, na busca por um lugar na fábrica para si e para sua prole, bem como uma casa na vila operária. A incidência era tão significativa que o número de famílias chefiadas por mulheres nas vilas das fábricas da CCC chegava a se equipar aos lares encabeçados por homens e suas esposas.

desenvolvido sempre uma atividade de dedicação tão acima do comum que raras têm sido as companheiras que lhe têm igualado. Se seu trabalho nos tem sido lucrativo, seu exemplo muito mais vantajoso nos tem sido. É, portanto, nosso dever, hoje, no dia do seu casamento, manifestar-lhe o quanto lhe somos gratos, pedindo-lhe haja de aceitar o pequeno adjutório, que incluso lhe oferecemos. Que Deus abençoe o seu consórcio são os votos dos respeitadores e obrigados, Mascarenhas e Irmãos.⁵³

De acordo com o modelo de família da época, a mulher carregava a simbologia da mãe, da esposa, da dona de casa e tudo mais que isso implicava. Ou seja, a fidelidade, honradez, a submissão, a abnegação, a discrição, a delicadeza e etc. Nas fábricas, lhes eram exigidos os mesmos atributos. De tal modo que essas instituições acabaram por cumprir o papel de “ajudar” as moças pobres com a educação e subsistência até que finalmente alcançassem a sua função: o casamento.

Podemos questionar se o modelo idealizado pelos industriais era compartilhado pelas famílias operárias e pelas mulheres, já que diante da pobreza em que viviam e a despeito dessa idealização, precisavam trabalhar para complementar ou mesmo cobrir todo o orçamento doméstico.

Todavia, a educação e a disciplina a que estavam sujeitas contribuía para preservá-las para o casamento, mesmo ou apesar de se tornarem operárias. É nesse contexto que a Hermenegilda, a operária da carta acima, fez por merecer a gratidão dos patrões. Ponderamos que ela correspondeu ao investimento e às expectativas nela depositadas. Conforme dito na carta, toda a sua postura e comportamento no trabalho se constituiu em um duplo exemplo para as demais operárias, ou seja, como uma trabalhadora dedicada e uma mulher bem comportada, que agora se retira da fábrica para assumir as suas funções de esposa, dona de casa e mãe.

⁵³ Livro Copiador de Cartas da Fábrica do Cedro de 1881 a 1883, p. 486 – Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas.

Entretanto, a despeito de todo esse processo disciplinador e mesmo educativo, podemos nos perguntar qual a importância dos conventos fabris para as mulheres que ali residiam? Nesse sentido, consideramos importante assinalar que talvez tenham cumprido para população pobre e necessitada o mesmo papel que os recolhimentos educandários desempenharam para as classes mais abastadas, qual seja o de recolher, proteger e educar as mulheres e meninas.

Não podemos nos esquecer que estamos falando aqui de mulheres pobres, muitas delas jovens e órfãs que necessitavam de um lugar para morar, de uma proteção social e de um trabalho para ganhar a vida. Mesmo que pareça controverso para alguns, essas mulheres precisavam de alguém para zelar por elas e, de certo modo, os seus patrões e as fábricas cumpriram esse papel.

São inúmeras as cartas que trazem relatos do envolvimento pessoal dos gerentes em situações e fatos que diziam respeito à integridade física e moral das suas operárias. Um caso exposto por um dos administradores da Companhia é um exemplo primoroso do que estamos falando. Nele tomamos conhecimento de um assédio sexual praticado por um técnico de origem inglesa sobre uma operária. Não ficou comprovado, como relata o gerente, se o caso foi consentido ou não, mas o que queremos destacar é a solução proposta, a qual consideramos refletir a sua preocupação com as possíveis consequências que o fato poderia acarretar para a vida da operária ofendida, conforme expôs em um breve recorte de sua extensa missiva:

A minha opinião é esta: seja o perverso dispensado, e recaindo em benefício da ofendida a quantia que ele tem depositada para garantia de seu contrato, visto como de nada aumenta a Cia. esse pecúlio. Assim ela se casará com algum outro idiota trabalhador e recuperada a sua honra perdida ou roubada.⁵⁴

⁵⁴ 25/02/1889 – Caixa de correspondência nº11. Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas.

Ao encaminhar uma menina ou jovem para o trabalho fabril, seus responsáveis buscavam antes de tudo um lugar de proteção, pois sob os olhares atentos dos patrões e a assistência das fábricas, o risco de caírem na prostituição poderia ser minimizado. Num período histórico no qual pobreza e prostituição “andavam juntas”⁵⁵, isto era fundamental. Ao mesmo tempo garantiam o sustento dessas jovens e, quiçá, de toda a família. Eram comuns os pedidos feitos aos proprietários das fábricas neste sentido: “tenho uma sobrinha órfã de pai e mãe, a qual acha-se em meu poder, e peço-lhe a sua valiosa proteção arranjando-me um lugar para ela no Convento e bem assim um emprego na fábrica”.⁵⁶

Ademais, por meio dos recolhimentos fabris muitas mulheres conseguiram a inserção no espaço público do trabalho, uma profissionalização e talvez uma autonomia maior, mesmo que isso possa parecer paradoxal, diante de tanta disciplina e vigilância. Mas a necessidade não as impediu de reagirem, como puderam, à dominação. Não foram poucos os casos de namoros escondidos, das escapulidas dos conventos nos momentos de “cochilo” das abadessas, das oposições em se engajar no trabalho fabril e residir nessas verdadeiras instituições de recolhimento fabril, ou numa perspectiva pelo avesso, se tornando boas operárias, trabalhando por mais de trinta anos nos serviços das fábricas e se mantendo solteiras ao longo de toda a vida, talvez como uma forma de fugir a mais uma situação de dominação e controle, se tornando aos olhos dos gerentes os “melhores empregados”. E muitas, como já dissemos, chefiando famílias numerosas que residiam nas vilas das fábricas.

⁵⁵ Sobre isso sugerimos a leitura de RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

⁵⁶ 22/07/1890 – Caixa de correspondência nº 11 A – Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas.

Considerações finais

Segundo Magareth Rago⁵⁷, “por caminhos sofisticados e sinuosos se forja uma representação simbólica da mulher”. De fato, quando olhamos todas essas instituições voltadas ao público feminino, sejam os conventos, os recolhimentos ou os conventos de fábricas, percebemos que a religiosidade, o imaginário e as representações sociais acerca das mulheres e de seu papel social foram ingredientes comuns a todas elas.

Tudo isso faz desses espaços símbolos das relações de gênero que perpassaram as relações sociais na sociedade de um modo geral, e que as fábricas igualmente incorporaram e reproduziram. Deste modo, quando se pensou em moradias para operárias solteiras e viúvas, o imaginário masculino buscou como referência o que a sociedade da época oferecia de mais “apropriado”: o convento católico. Lembrando, mais uma vez, Michel Foucault⁵⁸ (1997), estas instituições católicas serviram de modelo quando o assunto era disciplina e educação feminina. Sem desconsiderar as vantagens econômicas que os conventos de fábricas ofereceram aos industriais, salientamos a importância de se olhar também para estes espaços sob esse viés, pois só assim podemos encontrar sentido e entender a opção por mulheres, e preferencialmente sozinhas, para compor a mão de obra operária as razões de confiná-las dentro de um “convento” e de submetê-las a um controle e a uma vigilância maior e mais rigorosa do que a exercida sobre os trabalhadores do sexo masculino.

Sem dúvida a disciplina, a ordem, a vigilância e o controle foram instrumentos utilizados para todos os trabalhadores dentro das fábricas. Todavia, o confinamento, convento, uma vigilância duplamente exercida, ou seja, pela abadessa e pelo gerente, aconteceu só com as mulheres. Não há notícias nestas fábricas mineiras de confinamentos semelhantes aos femininos para os trabalhadores homens, igualmente solteiros.

⁵⁷ RAGO, Magareth. Op. cit., p.62.

⁵⁸ FOUCAULT, Michel. Op. cit.

Por fim, é importante salientar que os conventos de fábricas acabaram cumprindo um papel ambíguo. Se por um lado foram símbolos da intrincada relação entre religiosidade, educação e dominação na história mulheres, por outro, talvez tenha sido, na perspectiva destas mesmas mulheres, “um mal necessário”, algo a que se sujeitaram para terem o direito ao trabalho e, porque não, a uma proteção tão necessária a elas, numa sociedade que insistia em não reconhecê-las enquanto sujeitos de direito. As trabalhadoras tinham diante de si a necessidade de dar conta de sua vida, num momento no qual não recebiam nem formação e não possuíam autonomia para isso. Neste contexto, as fábricas possibilitaram esta formação, mesmo que viesse acompanhada de condições a princípio, aviltantes.